

Em seu livro *Fundamentos de uma Clínica Freudiana*, Luís Carlos Menezes publica vários artigos que escreveu nos últimos quinze anos. Explicita-se logo no título do livro, assim como na introdução, a perspectiva a partir da qual tratará os diferentes temas: uma clínica freudiana. Ou seja, um lugar que se constrói no entrecruzamento de seu fazer clínico singular, e o universal que lhe é oferecido pela história do saber e do movimento psicanalítico. O autor nos lembra que cada analista encontra tanto suas possibilidades de pensamento quanto seus limites nas determinações que provêm da história pessoal, mas também da história da Psicanálise. A partir dos rabiscos que germinam no interior das análises que conduz, vai tecendo as reflexões que tornam comunicável algo do que acontece nos processos particulares, do que age na transferência e ressoa na con-transferência.

Quase todos os artigos desta coletânea originam-se de palestras, mesas redondas, participação em colóquios, o que significa que foram escritos para serem apresentados a públicos diferentes e em momentos distintos da vida do autor como analista. Isso implica uma certa heterogeneidade presente nos textos, tanto em relação à temática quanto à

## Da mobilidade inventiva da escuta à inteligibilidade dos conceitos

Resenha de Luis Carlos Menezes, *Fundamentos de uma clínica freudiana*.

São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001, 267 p.

densidade do conteúdo. No entanto, pode-se perceber que um autor vai se fazendo presente em todos eles, o que outorga unidade ao livro. Uma forma de pensar a clínica e a teoria insiste em se apresentar, ainda que com figuras diferentes e em recortes temáticos distintos.

São textos nos quais a teoria não se afasta da clínica. Pelo contrário, o autor se mantém sempre próximo à penumbra movediça em que a mobilidade da escuta nos coloca, ao mesmo tempo em que defende e pratica o rigor conceitual, a inteligibilidade necessária, que nada tem a ver com a intelectualização defensiva, produto da resistência do analista à escuta. Generoso com os leitores, Menezes nos oferece passo a passo a abertura da trilha de reflexão pela qual circula, sem hermetismos. Escreve para ser entendido.

Os artigos estão agrupados em quatro blocos. No primeiro deles, "Referências conceituais da clínica psicanalítica", Menezes parte de interrogações que depreende dos processos clínicos: o que outorga a uma interpretação seu caráter mutativo? Qual é a especificidade do encontro analítico e o que o diferencia de outros encontros entre duas pessoas? Como funciona o trabalho de interpretação numa análise? Como pensar a

sensação de *unheimlich* (estranho-familiar), que, como analista, vivera em um momento de uma análise que precedeu a morte do analisando? A partir dessas interrogações, Menezes vai trilhando caminhos de pensamentos, avançando na meta-psicologia, fazendo dela um brinquedo de módulos, com os quais vai montando pedacinhos da construção.

Nesses caminhos, as teorias freudianas da memória e da temporalidade vão se apresentando com destaque. O autor relembra o tempo sempre presente do inconsciente atemporal, a categoria de objeto como objeto sempre perdido e a existência de traços mnêmicos em estado residual, que supõem uma memória com registros múltiplos e fragmentários dos acontecimentos. Faz dessas conceitualizações o solo sobre o qual pensa a transferência como

uma sorte de "inversão da tópica", na qual o "sistema pré-consciente/consciente está como que incluído pela representação inconsciente que sustenta a transferência" (p. 18).

Expõe, também, o trabalho analítico como um trabalho de ligação, de simbolização, de passagem da representação-coisa à representação-palavra, que permite ao analista e ao analisando subtrair-se do domínio do recalçado através da interpretação, da construção e da rememoração. Trabalho artesanal, no qual as marcas dos derivados pulsionais que impregnam o campo transferencial vão sendo retranscritas pela capacidade metafórica da escuta do analista. Trata-se de um processo nada fácil, como Menezes se encarrega de mostrar através do relato do impasse vivido no momento de uma análise.

Nesse primeiro conjunto de textos, vai se esmiuçando a situação analítica para descobrir a sua especificidade: o que nela tem efeitos, a forma de funcionamento psíquico dos dois participantes, com especial atenção ao lugar ocupado pela fala numa análise. Esta, diz o autor, recupera sua eficácia perdida no interior da associação livre e da atenção flutuante, e, a partir da abstinência do analista, vai anexando sua função comunicativa a uma outra, que é a que interessa ao analista: a fala que, nas suas quebras, vai se abrindo sobre uma fantasia, uma vivência, e permitindo ao ana-

lisando uma proximidade com os “pequenos estranhos, sempre sabidos, sempre ignorados” (p. 35). Fa-la que pode se abrir na direção dos processos primários e carregar nela aquilo que não é ela própria.

Nestes percursos, Menezes reconhece as heranças conceituais, localizando os lugares do pensamento nos quais fora influenciado por alguns analistas franceses, que lhe deram palavras com as quais constrói metáforas, na difícil tarefa de conceitualizar a clínica. Assim, percebe na teoria da sedução generalizada e no autoteorizante de Laplanche, no pensamento sobre o lugar do estrangeiro em Fédida, e nos escritos sobre o tempo do infantil e a função do sonhar em Pontalis, uma rein-trodução da “descoberta do inconsciente como algo insólito na cena da situação analítica” (p. 37). Pensamentos férteis dos quais vai pegando a farinha com que engrossa e dá densidade à forma de pensar a transferência na análise.

A concepção de natureza do inconsciente como um inconsciente pulsional, e sua efetividade na clínica, é o fio condutor que se mantém no tecimento dos textos de uma ponta à outra, sustentando a consistência do próprio tecido. É a partir dela que Menezes discute, por exemplo, a virtua-

lidade do inconsciente presente no pensamento de Videmann, na resenha do livro *A construção do espaço analítico*. A aposta expressa na frase “a articulação dos conceitos de pulsão e de inconsciente introduz uma tensão interna indispensável na concepção do tratamento analítico” (p. 72) lhe serve de divisor de águas para diferenciar clínica psicanalítica das terapias compreensivas ou do exercício da introspecção a dois. Nessas propostas, afirma Menezes, insiste-se na empatia, no acolhimento, mas são esquecidos os “fundamentos pulsionais do amor” (p. 74). Deixa-se de fora o “estrangeiro” e reduz-se a situação analítica a um encontro entre duas pessoas, e a transferência ao “aqui e agora”. Dessa maneira, deixa-se também de lado o inconsciente pulsional na sua dimensão temporal, conver-tendo assim o trabalho numa prática confessional com império de sugestão e deixando a “Psicanálise fora do lugar”. Com esse nome, Menezes agrupa os textos da segunda parte do livro.

Nessa parte, muda o cenário. Somos deslocados da intimidade do processo analítico para o espaço do movimento psicanalítico, e desfilam diante de nós diálogos que nos parecem familiares, uma vez que reconhecemos neles conversas freqüentes entre os colegas analistas. Assim, são tematizadas as dificuldades de comunicação entre os analistas, pela diversidade de teorias, e os pontos de encontro entre elas; as polaridades criadas entre os defensores da absoluta empiria e os repetidores de axiomas herméticos: a “Psicanálise do Sentir” e a “Psicanálise Intelectual”. São

tematizadas, também, as transformações introduzidas na clínica psicanalítica pelo movimento, proposto por Lacan, de retorno a Freud.

No entanto, apesar da mudança de cenário e da diferença nas temáticas tratadas, o fio condutor presente na primeira parte do livro se mantém. Assim, no texto sobre as discrepâncias entre Freud e o até então seu discípulo predileto, Jung, a propósito da dissidência entre eles, reaparece a “natureza pulsional do inconsciente” como divisor de águas. Pergunta-se Menezes: “o que ainda resta das concepções freudianas, depois que Jung mexeu numa peça fundamental, que é a teoria da libido? O inconsciente? Ora, privado da pulsão, fica reduzido a um agenciamento de representações” (p. 121).

A terceira parte do livro inclui quatro textos de uma maior densidade metapsicológica sobre “Ódio e destrutividade”. Em “Além do princípio do Prazer: inflexões na técnica” (p. 157), o autor trabalha sobre um dos conceitos mais inapreensíveis da Psicanálise, a pulsão de morte, pensando-a a partir do âmago da clínica. Menezes reflete sobre a função do analista em momentos nos quais a análise parece esvaziar-se de sentido. Situações no limite do analisável, momentos nos quais o trabalho fica praticamente impossível, já que as condições de funcionamento necessárias parecem não existir. Do lado do

analisando, nem o tecer associativo, nem o trabalho da pré-elaboração estão presentes; do lado do analista, a fertilidade da metáforização desaparece e junto com ela a arte interpretativa. Só parece imperar o *automatismo de repetição*.

Para descrever o lugar do analista nesses momentos, Menezes recorre a dois analistas de reconhecida sensibilidade clínica. Primeiramente, Nathalie Zaltzman, que no seu livro *Pulsão anarquista*, a partir de um belíssimo relato clínico, descreve os momentos nos quais uma “aridez a-libidinal” marca a situação analítica, em situações em que o analista fica no lugar de “objeto com uma valência de necessidade não erótica” (p. 160). Em seguida, recorre a Pontalis, que, em seu texto sobre a reação terapêutica negativa, trata do doloroso enfrentamento do analista em períodos nos quais prima o que não tem *nome* nem *figura*, ou seja, dos momentos nos quais a figurabilidade está impossibilitada e o analista se torna mero *objeto utilizado*.

Menezes alerta sobre a vontade que o analista pode sentir nesses momentos de fugir de sua função, pelo alto custo psíquico e pelo pesado da experiência, e mostra que, dessa maneira, corre o risco de ser levado por um "imaginário reparador dos traumatismos" (p. 167). Interroga-se sobre as diferenças entre o trabalho de ligação numa análise que visa à superação do recalcado, e o trabalho de ligação nos momentos em que a dor psíquica vem a substituir o sofrimento neurótico do *prazer que não pode ser experimentado como tal*, momentos nos quais se perdeu a capacidade de sonhar e desejar.

Nestes casos, afirma Menezes, o trabalho de ligação terá que ser entendido como neogênese de sentido, abrindo, assim, uma temática fértil, presente no trabalho de teorização de vários analistas contemporâneos. Algumas considerações sobre a relação entre pulsão e o narcisismo são colocadas no texto e ampliadas em seu adendo. Um conto de Bioy Casares, *A invenção de Morel*, encerra o texto, servindo ao autor como metáfora da força maquinada do automatismo de repetição.

A última parte do livro compõe-se de textos com temáticas variadas. A coletânea se encerra com um artigo que trata de uma questão de grande atualidade: "As depressões: a Psicanálise em questão?".

Sabemos que as depressões têm se convertido numa verdadeira epidemia na pós-modernidade. Conhecemos também as tentativas de des-subjetivá-las, de emudecer os lutos não chorados que estão em sua base, considerando-as uma doença orgânica, de dar como sua causa uma alteração química, de tratá-las com drogas da felicidade cada vez mais usadas, receitas para todos, por médicos de todas as especialidades, com a intenção de emudecer as tristezas, os lutos, as desilusões amorosas, as dificuldades da sexualidade que as provocam. Sabemos também a frequência cada vez maior com que os analistas encaminham os analisandos para serem medicados. Nesse texto, Menezes discute essas questões.

Ele parte de uma situação clínica na qual medica uma paciente, respondendo à demanda dela, quase à revelia de si, e mostra como, no espaço das duas consultas que acontecem, a sua escuta analítica começa a agir desdobrando a fala da paciente, que começa a abrir-se para as dificuldades expressas em fantasias e conflitos intrapsíquicos. O autor reconhece a importância do uso da medicação em certos casos, mas questiona o abuso que se faz disso, e fundamentalmente a simplificação que as neurociências impõem às causas das depressões.

Lembra-nos, no contexto da teorização psicanalítica, que há um excesso barrado pelo recalque primário que abre caminho para a dimensão simbólica e para a criação de objetos substitutivos, impulsionados pelo desejo. Isso leva a desprender a idéia de que há uma certa *depressividade* necessária aos processos de elaboração, e que não se pode restringir a causa da depressão à falta de uma substância química, ignorando os *impasses do desejo*. Pensando que os estados da alma produzem modificações no cérebro, Menezes propõe um caminho de mão dupla para um modelo de entendimento menos simplificador. Dessa maneira, esse texto abre uma discussão de grande atualidade que merece ser continuada.

Ao longo do livro, a partir dos relatos de momentos clínicos e das reflexões feitas pelo autor nestes artigos, pode-se dizer que uma figura de analista vai se apresentando a nós. Um analista que, através do silêncio e da abstinência, pode manter em jogo o terceiro ausente necessário para o desenrolar de uma análise, mas que, ao mesmo tempo, através da paciência e do acolhimento, faz de sua escuta um invólucro ressonante. Alguém que, tomando o cuidado de interpretar em sintonia com o desenrolar associativo, não cria uma vivência catastrófica na psique do analisando, cuja sensibilidade é acentuada pelas próprias condições da

análise. Um analista com liberdade suficiente para não deixar imperarem os formalismos, mas com responsabilidade necessária para reconhecer as dificuldades do ofício e apelar aos recursos necessários para superá-las.

Simultaneamente, nos é apresentado um processo analítico no qual a capacidade metafórica da escuta vai apreendendo os restos fragmentários de uma *memória atemporal*, na qual age a realidade psíquica, permitindo que a linguagem vá se abrindo para o "*vórtice da memória atemporal*", para o umbigo, para o contato com o desconhecido.

O convívio com Menezes na leitura do livro confirma o que eu já sabia pelo contato pessoal. Trata-se de um analista de aguçada sensibilidade na clínica, profundamente envolvido com sua prática e com as dificuldades que ela lhe apresenta, e que discorre com serenidade, mas definindo posições claras sobre as questões com as quais nos confrontamos na clínica cotidiana. Discorre sobre os temas com exigência na argumentação e com a dose certa de humor, o que faz da leitura do seu livro uma experiência proveitosa e agradável.

**Silvia Leonor Alonso** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise, e professora do Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.